

Tönnies *Gemeinschaft und Gesellschaft* (Comunidade e Sociedade). E, por último, a equivocada obra de Stammer, *Wirtschaft und Recht nach der materialistischen Geschichtsauffassung* (Economia e Direito conforme a concepção materialista da história), e a minha crítica a este livro que consta nestes ensaios nas páginas 291ss e 360ss que em grande parte já contém o que será exposto neste artigo. Distancio-me da metodologia de Simmel (na *Sociologia* e na *Filosofia do Dinheiro*) pelo fato de separar nitidamente aquilo que é o “imaginado” e aquilo que é objetivamente válido, que portanto, tem um “sentido”, conceitos que Simmel nem sempre distingue, mas até com frequência propositalmente permite que se confundam.

§ 1. O CONCEITO DA SOCIOLOGIA E DO “SENTIDO” DA AÇÃO SOCIAL.

Deve entender-se por sociologia (no sentido aceito desta palavra que é aqui empregado das mais diversas maneiras possíveis) uma ciência que pretende entender pela interpretação a ação social para desta maneira explicá-la causalmente no seu desenvolvimento e nos seus efeitos. Por “ação” deve entender-se um comportamento humano, tanto faz que se trate de um comportar-se externo ou interno ou de um permitir ou omitir, sempre quando o sujeito ou os sujeitos da ação ligam a ela um sentido subjetivo. A “ação social”, portanto, é uma ação na qual o sentido sugerido pelo sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento de outros e se orienta nela no que diz respeito ao seu desenvolvimento.

I. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

1. Por sentido entendemos aqui o sentido imaginado e subjetivo dos sujeitos da ação, ou que a. existe de fato, seja a' num caso historicamente dado, ou b' como média e de um modo aproximado referente a uma determinada quantidade de casos, ou b. numa construção ideal-típica relativamente puro ou construído de maneira típico-ideal.*

2. Os limites entre uma ação com sentido e um modo de comportamento simplesmente reativo (como pretendemos denominá-lo aqui) são inteiramente imprecisos. Uma parte muito importante dos modos de comportamento que interessam à sociologia, especialmente o comportamento puramente tradicional, localiza-se nos limites entre ambos. Uma ação com sentido, quer dizer, uma ação “compreensível”, não se faz presente em muitos casos de processos psicofísicos, e em muitos outros somente existe para os especialistas. Processos místicos e, portanto, não comunicáveis por meio de palavras, não podem ser compreendidos na sua plenitude por pessoas que não têm acesso a este tipo de experiências. Mas, inversamente, não é necessário ser um César “para com-

* Cf. original p. 542.

preender César”.
tante para a evidência
a interpretação do
preensíveis de um

3. Toda interpretação
da compreensão, p
ou matemática), o
vo-artístico). No d
referente à “conex
neira exaustiva e tr
so, captável intele
— são sobretudo,
recíproca que são
compreendemos d
pensando na prop
goras, extrai uma c
— de uma moda c
dados oferecidos p
de certos fins dado
(segundo a nossa c
Toda a interpretaç
tipo — para a cor
dência. Por uma e
exigências de expl
fusões de problem
cujo conhecimento
dos “valores” dos
não podemos comp
e sob certas circun
dificuldades cresce
empática, na medi
avaliações últimas.
mente intelectual,
ou aqueles fins sin
o desenvolvimento
terpretação intelect
mais fielmente pos
religiosas e caritati
também, e da me
 (“direitos do homer
do, raiva, ambição
voção, e desejos d
ação racional cons
são derivados dele
dente quanto mais

preender César". O poder de "reviver plenamente" algo que é alheio é importante para a evidência da compreensão, mas não é uma condição absoluta para a interpretação do sentido. Pois elementos compreensíveis e elementos não-compreensíveis de um processo estão muitas vezes unidos e misturados entre si.

3. Toda interpretação, como toda ciência em geral, tendendo à evidência da compreensão, pode ser de caráter racional (e, portanto, de natureza lógica ou matemática), ou de caráter empático (ou seja de caráter afetivo ou receptivo-artístico). No domínio da ação é racionalmente evidente, sobretudo, o que, referente à "conexão de sentido", se compreende intelectualmente de uma maneira exaustiva e transparente. Racionalmente compreensível — isto é, neste caso, captável intelectualmente no seu sentido de um modo imediato e unívoco — são sobretudo, em grau muito elevado, as conexões significativas em relação recíproca que são encontradas nas proposições lógicas e matemáticas. Destarte, compreendemos de um modo unívoco o que se dá a entender quando alguém, pensando na proposição 2×2 igual a 4, ou pensando nos teoremas de Pitágoras, extrai uma conclusão lógica — de acordo com os nossos hábitos mentais — de uma moda correta. Da mesma maneira quando alguém, baseando-se nos dados oferecidos por fatos da experiência que nos são "conhecidos" e a partir de certos fins dados, deduz para a sua ação conseqüências claramente inferíveis (segundo a nossa experiência) sobre o "tipo" dos "meios" a serem empregados. Toda a interpretação de uma ação orientada a fins de maneira racional deste tipo — para a compreensão dos meios usados — é de grau máximo de evidência. Por uma evidência não-idêntica, mas que seja suficiente para as nossas exigências de explicação, entendemos também aqueles erros (inclusive as confusões de problemas) nos quais facilmente somos capazes de incorrer ou de cujo conhecimento podemos ter uma experiência própria. Pelo contrário, muitos dos "valores" dos "fins" últimos que parecem orientar a ação de um homem, não podemos compreender, pelo menos com plena evidência, mas tão somente e sob certas circunstâncias, entendê-los intelectualmente, tendo continuamente dificuldades crescentes para poder "revivê-los" por meio de uma transposição empática, na medida em que se afastam mais radicalmente das nossas próprias avaliações últimas. Temos de nos contentar com a sua interpretação exclusivamente intelectual, ou, em determinadas circunstâncias, aceitar aqueles valores ou aqueles fins sinceramente como dados para tratar de fazer compreensíveis o desenvolvimento de uma ação que foi motivada por eles para a melhor interpretação intelectual possível ou para um reviver os pontos de orientação o mais fielmente possível. A isso pertencem, por exemplo, muitas ações virtuosas, religiosas e caritativas para aquele que é insensível a tais procedimentos. Mas também, e da mesma maneira, muitos fanatismos de racionalismos extremos ("direitos do homem") para quem se aborrece com isso. Muitos afetos reais (medo, raiva, ambição, inveja, amor, entusiasmo, orgulho, vingança, piedade, devoção, e desejos de toda espécie) e reações irracionais (do ponto de vista da ação racional considerando-se os meios para obter um determinado fim) que são derivados deles, podemos "reviver" afetivamente de modo tanto mais evidente quanto mais suscetíveis somos a estes mesmos sentimentos. E, em todo

caso, mesmo que excedam em absoluto por sua intensidade as nossas possibilidades, podemos compreendê-los empaticamente no seu sentido e calcular intelectualmente os seus efeitos tendo em vista a direção e os meios da ação.

O método científico que consiste na construção de tipos investiga e expõe todas as conexões de sentido irracionais e afetivas sentimentalmente condicionadas do comportamento que tem influência sobre a ação como "desvios" de um desenvolvimento desta mesma ação que foi construído como sendo puramente racional em relação aos fins. Por exemplo, para a explicação de um "pânico na bolsa de valores" seria conveniente fixar, em primeiro lugar, a descrição que se refere ao desenvolvimento da ação, se ela foi oriunda de reações puramente irracionais, para "introduzir" depois, como "perturbações", aqueles mesmos componentes racionais. Da mesma maneira poderíamos proceder na explicação de uma ação política ou militar: teríamos de fixar, em primeiro lugar, como teria se desenvolvido essa mesma ação no caso em que conhecidas todas as circunstâncias e todas as intenções dos protagonistas se tiver se orientado a seleção dos meios — a partir dos dados da experiência tidos como realmente existentes — de um modo rigorosamente racional em relação aos fins. Somente desta maneira seria possível a imputação dos desvios às irracionalidades que os causaram. A construção de uma ação rigorosamente racional com relação a fins serve nestes casos para a sociologia — por causa de sua evidente inteligibilidade e do seu caráter de racionalidade e de univocidade — como tipo ("tipo ideal") mediante o qual é possível compreender a ação real que é influenciada por irracionalidades de todo tipo e de toda espécie (afetos, sentimentos) como um desvio do desenvolvimento esperado de uma ação racional.

Somente desta maneira e por causa destes fundamentos de conveniência metodológica podemos dizer que o método da sociologia "compreensiva" é "racionalista". Este procedimento, portanto, não deve ser interpretado como um preconceito racionalista da sociologia, mas somente como um recurso metodológico, e de modo algum, portanto, deveria ser entendido como se implicasse na crença de um predomínio do irracional na vida. Pois nada nos diz acerca da questão se as ações reais estão ou não determinadas por considerações racionais no que diz respeito a fins (não poderemos negar a existência do perigo de interpretações racionalistas em lugares e ocasiões inadequadas. Mas toda a experiência, por desgraça, confirma essa sua existência).

4. Os processos e os objetos alheios ao sentido ou que não têm sentido entram no âmbito das ciências da ação como sendo ocasião, resultado, estímulo ou obstáculo da ação humana. "Não relacionar ao sentido" não significa "inanimado" ou "não humano". Todo artefato, como uma máquina, por exemplo, se compreende e se interpreta, no final das contas, a partir do sentido que a ação humana atribui a sua produção e ao seu uso (ou queira atribuir) (com as mais diversas finalidades). Sem recorrer a este sentido, esta máquina ou artefato fica totalmente incompreensível. O compreensível é, pois, a sua referência à ação humana, seja como "meio", seja como "fim" imaginado pelo agente ou pelos agentes que orientaram a sua ação. Somente mediante estas categorias pode haver uma compreensão destes objetos. Pelo contrário, ficam sem sentido todos os processos ou estados humanos — animados, inanimados, humanos e

extra-humanos — quadram numa realidade fenomênica que se dá. Do Dollart no ano vocado certos pro ritmo da morte e o do ancião —, t pelas diversas ma respeito. Uma out rentes a certos fe e referentes, por mortificação (e d e univocidade et compreensão. Em em outras circuns na prática cotidie fenômenos como

Existe, sem c contre regularida mentos com senti na herança bioló comprovada com de comportament cial, no que diz pela sociologia c da necessidade c na. E o reconhe da sociologia (e pela interpretaç que enxertar em ensíveis e interp xões típicas da sua racionalidad outras caracterís

5. Podemos pensando numa exemplo, de m e lemos (compr que se manifest (compreensão a ou de alguém o portamento da cional atual de ensão explicativ te aquele que f

extra-humanos — nos quais não se sugere um sentido, e, portanto, não se enquadram numa relação entre “meio” e “fim”, apresentando-se somente como fenômenos que são um estímulo ou um obstáculo. A inundação e a irrupção do Dollart no ano de 1277 (talvez) teria um significado “histórico” por ter provocado certos processos de deslocamento populacional de alcance histórico. O ritmo da morte e o ciclo orgânico da vida desde o desamparo da criança até o do ancião —, tem, obviamente, alcance sociológico de primeira importância pelas diversas maneiras como a ação humana se orienta e se orientou a este respeito. Uma outra classe de categorias está formada por conhecimentos referentes a certos fenômenos físicos e psicofísicos (cansaço, hábito, memória etc.), e referentes, por exemplo, a certas euforias típicas em determinadas formas de mortificação (e diferenças típicas nos modos de reação conforme ritmo, modo e univocidade etc.) que se apóiam em experiências que não são objetos da compreensão. Em última análise, a situação, entretanto, é a mesma que existe em outras circunstâncias que não são acessíveis à compreensão: aquele que age na prática cotidiana, como também a consideração compreensiva, aceita estes fenômenos como “fatos” que devem ser levados em consideração.

Existe, sem dúvida, a possibilidade de que a investigação futura talvez encontre regularidades não sujeitas à compreensão de determinados comportamentos com sentido, por mais rara que tenha sido até agora tal coisa. Diferenças na herança biológica (das “raças”), por exemplo — se, e em que medida seja comprovada com concludente material estatístico a influência sobre os modos de comportamento sociologicamente relevantes, especialmente sobre a ação social, no que diz respeito à sua referência ao sentido — deveriam ser aceitas pela sociologia como dados da mesma forma como os fatos fisiológicos do tipo da necessidade de alimentação ou os efeitos da senilidade sobre a ação humana. E o reconhecimento da sua significação causal em nada alteraria a tarefa da sociologia (e das ciências da ação de maneira geral), ou seja, compreender pela interpretação as ações orientadas num sentido. Não faria nada mais do que enxertar em determinados pontos das suas conexões de motivos compreensíveis e interpretáveis fatos não-compreensíveis (assim, por exemplo, conexões típicas da frequência de determinadas finalidades de ação ou do grau de sua racionalidade típica como índice craniano ou a cor da pele ou quaisquer outras características hereditárias), o que hoje já está sendo feito.

5. Podemos entender por compreensão: 1. a compreensão atual do sentido pensando numa ação (inclusive: de uma manifestação). Compreendemos, por exemplo, de maneira atual, o sentido da proposição $2 \times 2 = 4$, pois ouvimos e lemos (compreensão racional atual de pensamentos); ou um ataque de raiva que se manifesta em mudanças na face, interjeições e movimentos irracionais (compreensão atual racional de afetos); ou o comportamento de um lenhador ou de alguém que coloca a mão na maçaneta para fechar a porta, ou o comportamento daquele que com a espingarda atira num animal (compreensão racional atual de ações). Mas compreender também pode significar: 2. Compreensão explicativa. Compreendemos por seus motivos que sentido teve em mente aquele que formulou ou escreveu a proposição $2 \times 2 = 4$, que ele fez isso

exatamente agora e neste contexto, se vemos que ele está ocupado com um cálculo comercial, uma demonstração científica, um cálculo técnico ou outra ação a cujo contexto pertence aquela proposição pelo sentido "compreensível" que pertence a esta proposição. Em outras palavras: esta proposição ganha (*gewinnt*) uma "conexão de sentido" compreensível para nós (compreensão de motivos racionais). Compreendemos o lenhador ou aquele que aponta uma arma, não somente de uma maneira atual, mas também a partir dos seus motivos, quando sabemos que o primeiro (o lenhador) executa aquela ação para ganhar um salário, ou para cobrir as suas necessidades, ou por divertimento (racional), ou porque reagiu "de tal maneira em função de uma excitação" (irracional), ou quando aquele que dispara a arma o faz por obedecer ordem de executar alguém, ou de defender-se contra um inimigo (racional), ou por vingança (afetivo e, neste sentido, irracional). Finalmente, compreendemos um ato de raiva por seus motivos quando sabemos que por trás deste ato há ciúme ou inveja, vaidade ou honra ferida (afetivamente condicionado, isto é, compreensão de motivos irracionais). Todas estas compreensões representam conexões de sentido compreensíveis, cuja compreensão entendemos como sendo uma explicação do desenvolvimento real da ação. "Explicar", portanto, significa, desta maneira, para a ciência que se ocupa com o sentido da ação, algo que pode ser formulado do seguinte modo: apreensão da conexão de sentido em que está incluída uma ação que já é compreendida de maneira atual, no que se refere ao seu sentido "subjetivamente imaginado" (sobre a significação causal deste sentido do termo "explicar", veja-se abaixo o ponto 6). Em todos estes casos, também nos processos afetivos, entendemos por sentido subjetivo dos fatos, inclusive da conexão de sentido, o sentido imaginado (afastamo-nos, portanto, do uso habitual do termo e "achar", ou seja, *Meinen*), superando-o, nesta significação aludida, pensando apenas nas ações racionais e intencionais que se referem a um fim.

6. Em todos esses casos, compreensão significa: apreensão interpretativa do sentido ou conexão de sentido:

a) pensada realmente na ação particular (na consideração histórica); b) pensada como sendo uma média e de modo aproximativo (na consideração sociológica de massa); c) construída cientificamente (pelo procedimento "típico-ideal") para a elaboração do tipo ideal de um fenômeno freqüente. Tais construções típico-ideais são, por exemplo, os conceitos e as leis da teoria econômica pura. Elas explicam como se desenvolveria uma forma especial do comportamento humano se fosse orientado com todo o rigor tendo em mente o fim, sem a presença de perturbações alguma por parte de erros e afetos, e se fosse unicamente orientada e de modo unívoco num único fim (o econômico). Mas a ação real somente em casos raros e de maneira aproximada ocorre segundo o tipo ideal.²

Toda interpretação pretende demonstrar uma evidência (ponto 3). Mas nenhuma interpretação de sentido, por mais evidente que seja, pode pretender, por causa deste seu mérito, ser também a interpretação causal válida. Em si,

² Sobre o sentido de tais construções veja-se p. 190 deste livro e nota nº 11 na p. 428.

ela nada m
freqüência
tivos não a
da trama d
sincero, po
ciologia é a
nível da cor
é apenas o
ação, tidas
conexões de
"compreend
sentido fron
entre si (ve
chtsphilosophi
homens são
impulsos co
relativa com
subjacentes
mas tudo iss
com toda a
De resto, só
da vida coti
idêntica, mas
tivo" da sua
da sociologia
guero meio d
certos eleme
curso prováv

A chama
evidente da
suposto ideal
que medida
ção ideal sor
pressa, pelo
exemplo, com
moedas avali
nos ensina u
do conhecim
cas, e, em se
sucedida, a
Neste exempl
empírica é ev
provação com
causal das ba
laridade do d
dental) não g
tões que fora